



# Transculturalidade na cultura surda: uma proposta possível?

Adriana Gomes Bandeira<sup>1</sup>

adriana.tils@gmail.com

Luciano Vidon<sup>2</sup>

pfvidon@gmail.com

---

## RESUMO:

Este artigo apresenta a transculturalidade como uma proposta possível à cultura surda por se tratar de uma cultura de minoria que encontra muita resistência, e, ao mesmo tempo, cria algumas barreiras em relação ao outro. Na contemporaneidade é comum utilizarmos o multiculturalismo como o reconhecimento da existência de várias culturas diferentes. Mas, cada uma no seu espaço. Sem atravessamentos. Notamos que a cultura surda contempla o pensamento multicultural. No entanto, o discurso do “nós” x “eles” encontra-se presente. Por isso, a proposta da transculturalidade vem trazer fluidez e movimento para o cenário que vivemos de globalização e de interação social.

---

## PALAVRA-CHAVE:

Transculturalidade;  
cultura surda;  
multiculturalismo.

---

<sup>1</sup> Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, Especialista em Educação Especial pela Cesap, Bacharela em Letras-Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Atua na UFES como tradutora intérprete de Libras-Português e é membro do Grupo de Estudos Bakhtinianos.

<sup>2</sup> Professor Associado do Departamento de Línguas e Letras da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e professor vinculado ao Programa de Pós-graduação em Linguística da UFES. Coordenador do Grupo de Estudos Bakhtinianos - GEBAKH/UFES

## 1. Introdução

O presente artigo retrata, em síntese, um recorte da dissertação **Cultura Surda e transculturalidade: A questão das identidades numa comunidade acadêmica da Grande Vitória**. Trata-se de uma dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo, na linha de pesquisa da Linguística Aplicada. Através dessa linha de pesquisa nos foi possível tratar não somente da temática da língua e da língua de sinais (no caso, da língua brasileira de sinais – Libras), mas também trazer ao cerne do estudo assuntos como: cultura, identidade e discurso.

Por ser um campo de pesquisa transdisciplinar, a Linguística Aplicada abre várias possibilidades de diálogo com diversas áreas das Ciências Humanas como Sociologia, Antropologia, Estudos Culturais entre outros (ROJO, 2006). Dessa forma, falar sobre cultura e, especificamente, sobre a cultura surda na academia se mostrou relevante.

Como a pesquisa realizada trata sobre o tema **cultura**, buscamos embasamento nos Estudos Culturais, um ramo das Ciências Humanas que inicialmente ganhou espaço na Europa após a Segunda Guerra Mundial e se expandiu de forma considerável nos anos de 1980 (MATTELART, 2004). A partir de suas pesquisas explorando o conceito de cultura e seus desdobramentos, sempre acompanhando o movimento sociológico, outras áreas puderam considerar as suas produções e, a partir delas, ressignificarem os seus conceitos. Referimo-nos à comunidade surda e aos Estudos Surdos, que se basearam nos Estudos Culturais para dar um novo significado à surdez – a qual, até então, era tratada pelo viés da Medicina e do assistencialismo e, a partir daquele momento, passou a ganhar um novo sentido e significado através da cultura e do social.

Quando estive no Brasil, o pesquisador Carlos Skliar criou um grupo de Estudos Surdos em Educação (SKLIAR, 2010) justamente para promover a teorização dos Estudos Surdos em nosso país. No livro **A surdez: um olhar sobre as diferenças**, Skliar (2010, p.5) se propõe a tratar a surdez não como:

(...) um subproduto ou uma subárea temática da educação especial, nem a de mantê-lo dentro de uma prática e de um discurso hegemônico da deficiência. Muito pelo contrário, nos motivava a criação de um novo espaço acadêmico e de uma nova territorialidade educacional à qual denominamos Estudos Surdos em Educação.

Para que tal proposta fosse elaborada conforme a ideia do autor, foi necessária uma conexão com as demais áreas, conforme Skliar (2010, p.6):

Interessa-nos, sim, criticar os discursos clínicos, a medicalização, a ouvintização na educação de surdos. Para isso, produzimos interfaces necessárias com outras linhas de estudo em educação: Estudos Culturais, antropologias de grupos minoritários, estudos feministas, políticas de educação, etc. É nessas ligações que os autores encontram os seus próprios olhares e que possibilitam pensar a surdez dentro de uma perspectiva geral da educação. São nessas relações que a surdez pode, então, ser pensada como uma diferença.

A partir dessa contextualização, notamos que os Estudos Surdos tiveram forte influência dos Estudos Culturais e áreas afins para atender o propósito da comunidade surda de emancipar os sujeitos surdos como sujeitos críticos, com uma língua natural – que são as línguas de sinais – e que passassem a ser vistos como capazes e não como deficientes.

Com o advento dos Estudos Surdos, novos conceitos sobre surdez e sobre as pessoas surdas surgiram, entre eles, a cultura surda. De acordo com Hall (2009, p.43): “a cultura é uma produção”. Com esta afirmação, entendemos que a cultura surda também é uma produção. São narrativas e costumes criados e propagados pela comunidade surda durante anos que registram suas características, familiaridades e pensamentos. Representam elementos caros a esta comunidade.

Dentre as produções da cultura surda no Brasil, selecionamos o livro **A imagem do outro sobre a cultura surda**, de autoria de Karin Strobel, pesquisadora amplamente divulgada e reconhecida na comunidade surda. O livro foi publicado em 2008. Ao ser reimpresso nos anos posteriores, manteve o mesmo conteúdo, sem muitas alterações. Durante o ano de 2008, a nível nacional, acontecia o curso Letras-Libras ofertado pela Universidade Federal de Santa Catarina, na modalidade Ead, com polos espalhados por todo o país. O livro de Strobel, então, foi entregue gratuitamente pelos polos dos cursos de Letras-Libras para que os alunos pudessem ter acesso à obra e a utilizassem em uma das disciplinas do curso. Foi realizado também um grande projeto de divulgação do material visando o alcance do maior número de integrantes da comunidade surda.

Por cursarmos graduação em Letras-Libras no polo da Universidade do Espírito Santo, tivemos acesso ao livro nessa época. Algumas afirmações que a autora trazia nos incomodaram bastante, pois, em diversos trechos, nos pareciam segregadoras, dividindo as pessoas entre dois mundos: um mundo dos surdos e outro dos ouvintes, uma cultura surda e outra do ouvinte. Num primeiro momento, essa dicotomia nos pareceu estranha. Mas compreendemos que, em uma perspectiva do sujeito surdo, ela pudesse ser razoável.

O tempo passou e, após a graduação em Letras-Libras, não observamos mais esse tipo de abordagem, até que ingressamos no curso de mestrado em Linguística pela Universidade Federal do Espírito Santo, entre os anos de 2015 e 2016. Estudamos, entre outras disciplinas: **Estudos Culturais, Línguas e Diversidade**. Nessa disciplina,

aprendemos e discutimos muitas questões referentes aos Estudos Culturais, cultura e multiculturalismo... E aquelas questões sobre a cultura surda que nos causaram desconforto na graduação voltaram a nos incomodar. Desse momento em diante, demos início a uma pesquisa que analisava como esse tipo de produção – que é a cultura surda e seus discursos produzidos – interferiam na comunidade surda e quais resultados e desdobramentos surgiam.

Tínhamos em mente que a cultura, de forma direta ou indireta, produz um sentimento de pertencimento a um determinado grupo, de identidade, de valorização da língua e costumes de um grupo, e, concomitantemente, poderia produzir discursos que tenderiam à segregação, ao ódio, ao preconceito e à xenofobia – haja vista os inúmeros casos ocorridos até os dias de hoje de violência contra o próximo impulsionados pelo simples fato de discordar do seu modo de vida ou por não fazer parte de um mesmo grupo. Esse tipo de comportamento nos alarma, pois percebemos que, em algumas situações, as Ciências Humanas têm fracassado ao não atingir o seu objetivo que é favorecer o desenvolvimento humano.

Falar sobre cultura(s) e transculturalidade neste contexto nos ajuda a refletir sobre como os discursos produzidos por pessoas ou grupos prestigiando um único modo de ser, de sentir, de produzir, resultando numa ideologia de padrões homogêneos podem trazer conflitos e segregações, tanto entre os pares como em associação com o outro.

Escolher problematizar a cultura surda não significa que queremos desmerecer toda a luta, o trabalho e as conquistas realizados pela comunidade surda e sua militância até agora, mas sim mostrar o quão perigoso é reforçar essa separação entre “Nós” e “Eles” e propor a transculturalidade como alternativa a esse pensamento. (BANDEIRA, 2018. p.11,12).

## 2. Cultura surda e a transculturalidade: uma nova abordagem e novas expectativas

Antes de falarmos sobre cultura surda, falaremos sobre o que é/são cultura(s) e como o(s) seu(s) conceito(s) tem/têm mudado ao longo dos anos.

Etimologicamente, a palavra cultura é de origem latina e significa cultivar (BANDEIRA, 2018, p.16). Inicialmente, relacionamos o termo cultura ao cultivo agrícola, ao plantar e colher. Inclusive o termo ainda hoje se refere a algum tipo de plantação, como cultura de arroz, de soja, de algodão... Dentro desse contexto, o termo mantém o sentido.

No entanto, com o passar do tempo, a palavra cultura foi ressignificada mantendo o sentido de cultivar. Mas esse cultivo passou a ser de ideias, costumes, tradições, além de traduzir o que se entende por sofisticação social, refinamento e educação (SANTOS, 2006). Consequentemente, começou a ser feita uma associação

entre alta cultura, ligando-a à elite; e baixa cultura, relacionada ao povo e à cultura de massa, popular. Nesse ínterim, a cultura passou a ser mensurada entre quem possui mais cultura; a saber, a alta cultura.

Os grupos e os povos mantinham (e ainda mantêm) o hábito de repassar às gerações seguintes suas tradições, narrativas e costumes. Porém, a partir de algum ponto histórico da humanidade, se passou a determinar o que é superior e o que é inferior no que se entende por cultura. Entendemos a modernidade como o período mais evidente dessa prática:

Podemos inferir que os conceitos dicotômicos de superior x inferior, desenvolvido x subdesenvolvido, tenham ganhado força na modernidade devido a essa influência científica de perspectiva evolucionista, em que alguns estariam mais bem evoluídos do que outros e possivelmente esse pensamento tenha perdurado por muitos anos, inclusive nos deparamos com esses pensamentos até os dias de hoje. Muitos países defendem essa postura por defenderem uma cultura ocidental e por quererem se destacar como superiores. Argumento que sustenta preconceitos, estereótipos e reproduz histórias de opressão e silenciamento. (BANDEIRA, 2018, p.17).

De fato, a cultura e os seus variados conceitos são dinâmicos e se transformam, se resignificam de acordo com a necessidade do momento ou da demanda daquela comunidade.

Cultura é uma construção histórica, seja como concepção, seja como dimensão do processo social. Ou seja, a cultura não é “algo natural”, não é uma decorrência de leis físicas ou biológicas. Ao contrário, a cultura é um produto coletivo da vida humana. (...) Cultura é um território bem atual das lutas sociais por um destino melhor. (...) em favor da luta contra a exploração de uma parte da sociedade por outra, em favor da superação da opressão e da desigualdade. (SANTOS, 2006, p.45).

Não sendo “algo natural” no sentido das relações interpessoais, conforme Santos (2006, p.45), entendemos que **cultura** seja algo naturalizado; isto é, a sociedade ou a comunidade na qual vivemos nos faz acreditar que tudo o que aprendemos sempre foi daquela forma e consiste em uma verdade absoluta pertencente a nossa cultura.

Afirmações como estas, por vezes, acarretam na produção de estereótipos, como, por exemplo: o brasileiro é malandro, a mulher brasileira é prostituta, o europeu é culto e civilizado. São juízos de valor atribuídos a grupos e etnias que apenas reforçam e cristalizam ideias de como o mundo socioeconômico, político e cultural foi estabelecido e que não existe interesse suficiente para transformar ou reverter essa perspectiva.

Isto posto, cabe ressaltar que os Estudos Culturais pesquisam e discutem acerca da cultura e seus desdobramentos. Como consequência, surgem novas teorias

e conceitos. Dentre eles, podemos dizer que um é o mais recorrente contemporaneamente: o multiculturalismo.

Pela própria configuração da palavra **multiculturalismo** podemos intuir que se trata de várias, de múltiplas culturas. E o entendimento parte desse princípio, porém não se esgota nesta definição. O multiculturalismo é ter o conhecimento – e o reconhecimento – da existência de várias culturas diferentes da nossa e que o nosso papel enquanto seres humanos é respeitá-las na sua variedade e diferença.

Para além disso, Stuart Hall (2009) no seu livro **Da diáspora: identidade e mediações culturais**, escreve um capítulo intitulado **A questão multicultural**. Nesse capítulo, o autor conceitua multiculturalismo fazendo um contraponto com o termo multicultural, e, ainda, faz uma diferenciação entre o multiculturalismo e a ideia de alta cultura e baixa cultura propagada anteriormente pelos Estados-Nações:

(...), o termo “multiculturalismo” (...) refere-se às estratégias e políticas adotadas para governar ou administrar problemas de diversidade e multiplicidade gerados pelas sociedades multiculturais. “Multicultural”, entretanto, é, por definição, plural. Existem muitos tipos de sociedade multicultural, como por exemplo, os Estados Unidos da América, a Grã-Bretanha, a França, a Malásia, o Sri Lanka, a Nova Zelândia, a Indonésia, a África do Sul e a Nigéria. Estes são, de forma bastante distinta, “multiculturais”. Entretanto, todos possuem uma característica em comum. São, por definição, culturalmente heterogêneos. Eles se distinguem neste sentido do Estado-nação “moderno”, constitucional liberal, do Ocidente, que se afirma sobre o pressuposto (geralmente tácito) da homogeneidade cultural organizada em torno de valores universais, seculares e individualistas liberais. (Goldberg apud Hall, 2009, p.50).

Com este conceito, temos uma definição do que o multiculturalismo representa. Apesar de ser um conceito mais atual, que se contrapõe à ideia de cultura hegemônica dos Estados-Nações, o multiculturalismo em si não dá conta de resolver tantos casos de preconceito e xenofobia até os dias de hoje (HALL, 2009, p.49). Nesse sentido, uma conceituação considerada recente tem surgido no campo dos Estudos Culturais que é a transculturalidade.

O termo transculturalidade, pela própria grafia, demonstra através do prefixo “trans” a ideia de trânsito, atravessamento, fluidez e movimento que dialoga com o conceito de pluralidade, heterogeneidade e diversidade. Segundo Rocha (2014, p.801): *“The concept of transculturality also involves the idea of entanglement of canonic, mass, and popular cultures, highlighting the relation of intermixing and interdependence among them”*.<sup>3</sup>

No entanto, para além dessa definição de trânsito, de movimento, de mistura entre as culturas, existe uma complementação dessa definição que é de “transformar

<sup>3</sup> “O conceito de transculturalidade também envolve a ideia de emaranhamento de culturas canônicas, de massa e populares, destacando a relação entre mistura e interdependência entre eles”. (tradução dos autores)

e sair transformado” (FERRAZ; SILVA, 2016, p.229), que o contato entre culturas pode ocasionar.

Em uma perspectiva bakhtiniana, num primeiro momento, pensamos no conceito de carnavalização como uma possível aproximação com o conceito de transculturalidade. Inclusive, na nossa dissertação, propomos uma paráfrase elaborada a partir da ideia de transculturalidade e a conceituação que Amorim (2001) faz sobre a carnavalização bakhtiniana. Substituindo a palavra “carnavalização” (AMORIM, 2001, p.167) por “transculturalidade” (BANDEIRA, 2018, p.29,30) propomos que esta:

Suprime a distância e fusiona as diferenças. Que a transculturalidade não consiste em reconhecer o outro, mas em torna-se o outro. Na transculturalidade as diferenças tornam-se reversíveis e que nela nada se fixa, nada se define. Na transculturalidade a única coisa que se afirma é a própria transformação. (BANDEIRA, 2018, p.29,30).

Trazemos esta definição de transculturalidade e apresentamos como proposta à cultura surda, pois, identificamos, através do livro **As imagens do outro sobre a cultura surda**, indícios de que a comunidade surda aborda a questão cultural pelo viés do multiculturalismo, o que ocasiona um reconhecimento de várias outras culturas: no caso, a cultura ouvinte, como diferente da cultura surda na perspectiva multicultural. Contudo, esta perspectiva não consegue resolver o distanciamento que muitas vezes ocorre entre essas culturas. Além do mais, nos vale a seguinte observação: “o multiculturalismo não deu conta de episódios que ainda acontecem como desrespeito à língua de sinais, aos seus usuários, à comunidade surda. Também o desconhecimento dos valores e dos seus princípios”. (BANDEIRA, 2018, p.19).

Deste modo, concluímos que a transculturalidade – como pensamento mais atualizado no campo dos Estudos Culturais – possa ser a alternativa que melhor supere as dificuldades em relação à cultura surda enquanto cultura de minoria, heterogênea e plural.

### 3. Narrativas e discursos que constituem a cultura surda

Tendo em mente que a cultura “é uma produção” (HALL, 2009, p.43), uma “construção histórica” (SANTOS, 2006, p.45), entendemos que as culturas também sejam constituídas por discursos e narrativas, as quais as constituem em um movimento recíproco.

Encontramos alguns termos e enunciados nas narrativas e discursos produzidos pela cultura surda e os problematizamos na dissertação **Cultura surda e transculturalidade: a questão das identidades numa comunidade acadêmica da Grande Vitória**. A partir dos pontos elencados, discorreremos a seguir.

### 3.1 - O ser surdo

Na cultura surda, quando algum indivíduo se identifica como surdo, ele não está apenas avisando que tem a materialidade da surdez no seu corpo. Está informando que se comunica através da língua de sinais e determinando assim a diferença entre os demais sujeitos ouvintes, os quais se comunicam por meio de uma língua oral. E, também, demarca um posicionamento diferente daqueles que são surdos, mas não utilizam a língua de sinais e fazem uso de uma língua oral ou da leitura labial para a comunicação.

Essa demarcação não é uma separação ingênua entre os surdos que sinalizam ou não. Trata-se de uma definição de quem é o sujeito surdo crítico, emancipado, diferente do outro sujeito que é visto como assujeitado às pessoas ouvintes. Representa um tipo de posicionamento que define as pessoas surdas na comunidade surda: determina se ela se identifica como surdo ou como deficiente auditivo e aponta o modo como ela é/será encarada a partir dessa posição.

O problema desse tipo de caracterização na comunidade surda é que quem se identifica como deficiente auditivo é sempre visto com desconfiança pelos demais. Alguns podem pensar que – por essa pessoa saber falar ou interagir falando e fazendo leitura labial com as pessoas ouvintes –, ela possa estar a favor dos ouvintes, ou que queiram que os demais surdos sejam obrigados a falar e fazer leitura labial assim como eles. A desconfiança não é por acaso, pois muitos surdos já sofreram pressões da família, dos médicos, dos professores, da sociedade em geral para se adaptarem aos ouvintes, os quais constituem a maioria.

No entanto, não é possível afirmar que todas as pessoas com deficiência auditiva tenham a intenção de obrigar os surdos – que escolheram a língua de sinais como sua língua de uso – a oralizarem. Ou definir que, para representar as pessoas surdas, só sendo um surdo de nascença: o qual constituiria um surdo **puro**, ou um surdo **raiz**.

Quando se privilegia certo tipo de perfil, se desqualifica todas as outras pessoas do mesmo grupo e se desconsidera toda a multiplicidade de experiências vividas. Esse tipo de comportamento acarreta mais tensões e divisões do que acordos. Isto posto, entendemos que uma proposta transcultural poderia amenizar essas questões e trazer uma nova maneira de enxergar a pluralidade desses sujeitos como oportunidade, não como um problema.

Para continuarmos a nossa problematização, vamos falar acerca de outro discurso comumente produzido: a aquisição da língua de sinais por crianças surdas apenas em contato com um adulto surdo.

### 3.2 - Aquisição da língua de sinais por crianças surdas apenas no contato com adultos surdos

A ideia de que uma criança surda só aprenderá a língua de sinais em contato com um adulto surdo é outra afirmação feita na comunidade surda e difundida por meio de sua cultura, sobre a qual nós escolhemos refletir.

Observamos que a maioria dos surdos nascem em famílias de ouvintes. Poucos, portanto, são os casos de surdos, nascidos em uma família surda, que já se comunicam na língua de sinais. Outra constatação: a convivência em uma família ouvinte representa um desafio para a grande maioria dos surdos porque a comunicação fica muito restrita e, nem sempre, pais ouvintes e filhos surdos estabelecem um relacionamento fácil.

Levando em consideração a língua materna das crianças surdas, o seu primeiro contato será com uma língua oral. Como a comunicação ficará comprometida pela surdez, pais e filhos acabam criando estratégias comunicativas para empreenderem uma comunicação rotineira e dar conta de seu cotidiano. Eles partem do princípio da linguagem, que é fazer uma leitura do mundo e se manifestar nele. Dessa forma, pais e filhos – não importando qual deles seja surdo ou ouvinte –, estabelecerão a comunicação.

Partindo desse entendimento, uma criança surda tem um conhecimento de linguagem desde o ambiente doméstico. Ela não é uma tábula rasa para a linguagem. Quando ela tiver o contato com a língua de sinais, seja através de uma pessoa surda ou ouvinte, ela ativarará os processos linguísticos acionando o seu léxico, a sua experiência em interação com os pares, para então aprender uma língua de sinais. Ela não parte do zero, pois já carrega uma bagagem linguística que lhe dá a capacidade de aprendizagem de uma língua.

A demarcação de que esse aprendizado deva ser feito em contato com o adulto surdo talvez seja uma estratégia da comunidade surda através de sua cultura, como se a língua de sinais pertencesse apenas a eles. Assim, difunde-se a ideia de que o adulto surdo é a pessoa habilitada para passar para as demais gerações de surdos o que é a representação da pessoa surda. Seria a idealização de uma identidade surda, a qual se feita por uma pessoa adulta ouvinte não atingiria o seu objetivo. Desse modo, o adulto surdo passa a ser uma referência, um modelo para que a criança surda possa se apropriar de uma identidade surda.

A princípio, reconhecemos que a representatividade seja, de fato, muito importante para a formação de qualquer indivíduo. No entanto, entendemos também que, para as crianças, existem várias pessoas que podem servir como exemplo, e que não há um padrão hegemônico a ser seguido. Adultos também podem servir como inspiração, por exemplo: pais, professores, entre outros. Todos eles podem ser bem diferentes entre si, inclusive. Por isso, não há uma regra ou padronização. No processo de formação de uma criança surda, assim como no de uma criança ouvinte, qualquer

adulto responsável pode servir como referência e inspiração.

Em relação à aquisição de língua, concordamos com a visão dialógica bakhtiniana expressa por Amorim (2001) na citação a seguir: “Não há posse possível de nenhuma língua e mesmo aquela dita ‘maternal’ já é, desde sempre, língua do outro. (...) somos todos falantes e estrangeiros e essa é a única condição que torna possível uma ética/política da relação com o outro” (p.27,28).

Consideraremos a seguir por que notamos que o termo “híbrido”, utilizado para adjetivar o sujeito surdo na comunidade surda, aparece com uma conotação negativa em sua cultura.

### 3.3 - O hibridismo na cultura surda

A partir das leituras de alguns teóricos dos Estudos Culturais, percebemos que o termo **hibridismo** ou **híbrido** estava relacionado com heterogeneidade, multiplicidade. Entretanto, com os discursos da cultura surda notamos uma conceituação para esse mesmo termo como algo desagradável na comunidade surda. Dizer que um surdo é híbrido ou que ele tem identidade híbrida é o mesmo que dizer que ele é quase um ouvinte. Ou que ele se parece mais com um ouvinte do que com um surdo. Ou, ainda, que ele sofre mais influência dos ouvintes do que dos surdos.

Esse pensamento se deve a uma categorização publicizada pelos Estudos Surdos, que classifica os tipos de surdos e em quais níveis eles se encontram. O surdo considerado híbrido é aquele que não é nem ouvinte e nem surdo. Ele se encontra numa posição intermediária. Que incomoda porque não há uma definição precisa da sua identidade.

Percebemos que, pelo fato de haver uma categorização que foi – e ainda é – amplamente divulgada na comunidade surda, há um anseio de uma homogeneização do sujeito surdo. Como a nossa proposta para a comunidade surda é de uma transculturalidade, o processo de hibridização é naturalmente inerente ao processo de formação da identidade. É possível conviver com várias facetas identitárias nesse convívio transcultural.

Citamos abaixo um trecho sobre hibridismo no qual Hall (2009) aborda e elucida bem a questão:

Um termo que tem sido utilizado para caracterizar as culturas cada vez mais mistas e diaspóricas dessas comunidades é “hibridismo”. Contudo, seu sentido tem sido comumente mal interpretado. Hibridismo não é uma referência à composição racial mista de uma população. É realmente outro termo para a lógica cultural da *tradução*. Essa lógica se torna cada vez mais evidente nas diásporas multiculturais e em outras comunidades minoritárias e mistas do mundo pós-colonial. (...) O hibridismo *não* se refere a indivíduos híbridos, que podem ser contrastados com os “tradicionais” e “modernos” como sujeitos plenamente formados. Trata-se de um processo de tradução cultural, agonístico, uma vez que nunca se completa, mas que permanece em sua indecidibilidade. (HALL, 2009. p.71).

Provavelmente, a impressão que algumas pessoas têm sobre hibridismo a remetem à mistura. E, no caso da comunidade surda, esse conceito pode levá-los a pensar um sujeito surdo híbrido como aquele que é ou foi misturado com os ouvintes. Disso resulta a desaprovação ou insatisfação. Mas, no nosso modo de pensar, o hibridismo não é uma perda, mas sim um ganho. Não é ser homogêneo, mas ser heterogêneo. Não ter só um ponto de vista, mas ter vários. Não ser só um sujeito moderno completo na sua identidade, mas ser esse sujeito pós-moderno, incompleto, multifacetado, plural e transcultural.

#### 4. Considerações finais

Observamos que, para um grupo minoritário como a comunidade surda, discursos de empoderamento e um posicionamento defensivo frente a depreciação das línguas de sinais, do seu modo de viver, de vivenciar o mundo por meio da percepção visual, da falta de acesso em muitos espaços e principalmente a falta de acesso à informação na sua própria língua, enfim, muitos dos discursos produzidos por essa comunidade são legítimos. Contudo, é indispensável que se considere também os extremismos que qualquer discurso pode atingir.

Não que seja a intenção da comunidade surda e da produção da cultura surda segregar e criar uma comunidade isolada de qualquer contato externo. Porém, algumas produções divulgadas pelos Estudos Surdos no Brasil ou em outros países acabam estimulando discursos idealizadores de uma identidade surda homogênea e hipervalorizada, e que desconsidera as múltiplas possibilidades de convivência e experiências com o diferente. Nesse sentido, Hall (2009) nos aconselha: “A alternativa não é apegar-se a modelos fechados, unitários e homogêneos de ‘pertencimento cultural’, mas abarcar os processos mais amplos – o jogo da semelhança e da diferença – que estão transformando a cultura no mundo inteiro” (p.45).

A proposta da transculturalidade para a cultura surda é uma alternativa ao multiculturalismo, o qual, apesar de reconhecer a existência de diferentes culturas, não demonstra abertura para se transitar entre elas. A transculturalidade apresenta, enfim, uma possibilidade de ser incompleto, múltiplo e plural.

#### Referências

AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas**. São Paulo: Musa Editora, 2001.

BANDEIRA, A. G. **Cultura surda e transculturalidade: a questão das identidades numa comunidade acadêmica da Grande Vitória**. 2018. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Centro de Ciências Humanas e Naturais. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2018.

FERRAZ, D. de M.; SILVA, A. C. Língua e Cultura em Babel: problematizando o Outro. In: FERRAZ, Daniel de Mello; TOMAZ, Micheline Mattedi. (orgs.) **Línguas, c(C)ultura(s) e educação linguística**. 1ª ed. Curitiba, PR: CRV, 2016. p. 223–242.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Org. Liv Sovik; Trad. Adelaine La Guardia Resende (et. al). 1ª edição atualizada. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

MATTELART, A. **Introdução aos estudos culturais**. Armand Mattelart, Érik Neveu. [trad.] Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. Na Ponta da língua.

ROCHA, C. H. Plurilingualism and Critical Literacies in the Teaching of English in Higher Education. **Sino-US English Teaching**, ISSN 1539-8072. November 2014, Vol. 11, No. 11, 797-811

ROJO, R. H. R. Fazer linguística aplicada em perspectiva sócio-histórica privação sofrida e leveza de pensamento. In: MOITA LOPES, L.P. **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

SANTOS, J. L. dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006 – Coleção Primeiros Passos, 110.

SKLIAR, C. (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2010.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2008.



## Transculturality in deaf culture: a possible proposal?

**ABSTRACT:**

This article presents transculturality as a possible proposal to deaf culture because it is a minority culture that encounters a lot of resistance, and at the same time creates some barriers in relation to the other. Nowadays it is common to use multiculturalism as the recognition of the existence of several different cultures. But each in its own space. No crossings. We note that deaf culture contemplates multicultural thinking. However, the discourse of "we" x "they" is present. Therefore, the proposal of transculturality brings fluidity and movement to the scenario we live in globalization and social interaction.

**KEYWORDS:**

Transculturality; deaf culture; multiculturalism.